

DIALOGAR ESCRREVENDO OU ESCREVER DIALOGANDO. A POLÉMICA COMO FORMA ESPECÍFICA DE DIÁLOGO¹

Sónia Valente Rodrigues*

*(...) como renunciar ao que me fascinou, se a
fascinação me perdura ainda?*

Vergílio Ferreira

Em *As Lições dos Mestres*, George Steiner explica como «(...) a única forma honesta, verificável, de ensino, de autoridade didáctica, é por meio do exemplo. O professor demonstra ao aluno o seu próprio domínio da matéria, a sua capacidade de realizar a experiência química (o laboratório tem «demonstradores»), de resolver a equação no quadro, de desenhar com exactidão o modelo de gesso ou de carne e osso no *atelier*. O ensinamento por meio do exemplo é acção, e pode ser silencioso. Talvez devesse sê-lo. A mão do professor guia a do aluno no teclado do piano. O ensinamento válido é ostensível. Vê-se. Esta «ostentação», que tanto intrigou Wittgenstein, está profundamente implantada na etimologia: o *dicere* do latim, que começou por significar «mostrar» e só posteriormente «mostrar dizendo»; os termos *token* e *techen* do inglês médio, com as suas conotações implícitas de «aquilo que mostra». (Será o professor, em última análise um actor?) Em alemão, *deuten*, que significa «indicar», é inseparável de *bedeuten*, «significar».» (2005: 13) Esta contiguidade abre inúmeras possibilidades de revelar como um professor, um orientador, numa palavra, um Mestre conduz o aluno pelo caminho da busca de saber. É justamente deste modo que descrevo o processo que me permite aprender continuamente com a Professora Doutora Fernanda Irene Fonseca.

* Este trabalho foi financiado pelo Programa FEDER/POCTI-U0022/2003 da Fundação para a Ciência e Tecnologia

¹ Este título pretender ser a paráfrase de uma conclusão de Fernanda Irene Fonseca acerca da escrita vergiliana, autor da sua especial predilecção: «(...) a escrita sem outra intenção que não seja a de escrever pensando ou pensar escrevendo.» (2003).

* <http://www.srodrigues.nome.pt> ; svrodrigues@clix.pt

Ainda de acordo com Steiner, «Os Mestres de sexo feminino têm sido pouco numerosos, se bem que eminentes». Em Portugal, no campo da Linguística, Fernanda Irene Fonseca integra, em lugar destacado, esse grupo.

0. Introdução

O objecto da Linguística radicado no princípio basilar do sujeito como *instância enunciativa dialógica* «a partir do qual o sistema se constitui»² e a subjectividade e intersubjectividade na escrita e no acto de escrever³ são temas fundamentais na teorização e descrição linguística de Fernanda Irene Fonseca. Nos trabalhos dedicados à análise linguística da escrita ficcional de Vergílio Ferreira, Fernanda Irene Fonseca capta a problemática do TU a partir dos processos de invocação/evocação através dos quais se faz «uma *presença ausente*»⁴, criando-se o interlocutor possível de um «diálogo desejado»⁵.

Mas nem sempre a presentificação do TU na escrita ocorre por meio de processos dialógicos como a invocação que revelam a procura de um interlocutor, o desejo de diálogo, a comunhão com o Outro. A presença do TU é, frequentes vezes, motivo de tensão agonística, construção do diálogo necessário embora nem sempre desejado ou perseguido. Na escrita dialogada agonística, o TU não é presentificado por processos dialógicos explícitos mas por um jogo enunciativo subtil que o implica no diálogo a partir de um simulacro enunciativo de exclusão.

Marginalizada desde sempre, por isso pouco estudada, a polémica escrita⁶ é não só um tipo de discurso central na interacção social, cultural, política e científica de qualquer comunidade⁷, mas também uma das manifestações mais espectaculares

² Fonseca, Fernanda Irene (1995: 249).

³ A perspectivação teórica da escrita e do acto de escrever assume particular acuidade no estudo da obra de Vergílio Ferreira, como se pode verificar em textos como: (1993), «Vergílio Ferreira, uma escrita que (se) pensa», *Boletim da 63.ª Feira do Livro*, Porto; (2003), «Vergílio Ferreira, *Escrever*: o título inevitável», *Revista da Faculdade de Letras «Linguas e Literaturas»*, Porto, XX, II, pp. 479 – 494.

⁴ «Subjectividade e intersubjectividade. A invocação/evocação do *TU* na escrita ficcional de Vergílio Ferreira», p. 252.

⁵ *Idem*, p. 253.

⁶ A designação «polémica escrita» recobre aqui os vários tipos de diálogo argumentativo escrito a que correspondem os termos «échange agonial» (Roulet 1989), «interacção verbal polémica» (Dascal 1998), «interaction argumentative» (Plantin 2003).

⁷ Basta lembrar a importância que têm assumido, em Portugal, duas polémicas recentes. A polémica em torno do conceito de ciência entre sociólogos e físicos, protagonizada por Boaventura Sousa Santos e Manuel António Baptista, iniciada em Portugal em 2002 e que

da criatividade inventiva e verbal do homem em interacção por meio de uma forma dialógica de discurso argumentativo⁸ ao qual não é alheia a dimensão lúdica da linguagem⁹, constituindo, por esta via, um objecto privilegiado para o estudo das relações EU-TU no uso da língua.

Exemplificarei essa simulação de exclusão do TU a partir da análise de excertos de uma intervenção de Vergílio Ferreira na polémica com Alexandre Pinheiro Torres em torno de *Rumor Branco* de Almeida Faria¹⁰, que conheceu, em 1963, um

perdura ainda, e a polémica sobre o ensino do Português nas escolas do Ensino Básico e do Ensino Secundário, desenvolvida em torno dos programas de Português do Ensino Secundário (que opôs linguistas e estudiosos da literatura) e em torno da *Terminologia Linguística para os Ensinos Básico e Secundário* (que opôs não só linguistas a estudiosos da literatura, mas também linguistas entre si e professores de Português entre si também).

⁸ Sobre a ligação entre polémica e diálogo, evocarei, a título exemplificativo, Eduardo Prado Coelho que, referindo-se ao contraste entre os jovens dos anos 60 e os jovens de hoje na sua relação com a cultura, escrevia, a 11 de Julho de 2007: «(...) podemos lembrar que, para a geração de 60 (a minha), havia a cultura dos adultos e uma contracultura que nós desenvolvíamos apoiados em práticas (como o cinema) que a cultura mais tradicional ignorava. E isto acentuava-se sobretudo no plano dos valores morais. Depois, a oposição esbatia-se, mantinham-se os aspectos mais significativos da contracultura, mas recuperavam-se muitos domínios da cultura mais erudita. Não é nada disso o que acontece hoje. **Não existe qualquer dimensão polémica. O que se verifica é uma mera justaposição: de um lado, a cultura dos adultos; do outro, a cultura dos jovens. Lado a lado, sem diálogo. Sem linguagem comum.**» («Os jovens e a cultura», *Público*, 11 de Julho de 2007, pág. 3) (destaque meu)

⁹ A ideia de jogo esteve desde sempre associada à polémica-espectáculo como lugar do lúdico. Dois breves apontamentos relativos a Camilo Castelo Branco e a Eça de Queirós permitem confirmar como as qualidades literárias e linguísticas destes escritores estavam na origem da sua superioridade nos recontros verbais. Em *Ensaio de interpretação crítica*, afirma José Régio: «Na polémica exercita Camilo, sem as baixar de grau, algumas das forças que caracterizam o seu romance, e a que só agora nos podemos referir com relativo vagar. Falamos do seu sarcasmo; do seu dom de *fazer ver* ridículo e grotesco; do seu poder de troca, caricatura, paródia; da sua extraordinária fantasia cómica.» (Régio 1980: 152). Em *Conta – Corrente* (Nova Série, I), Vergílio Ferreira, ao comentar a edição das polémicas de Eça de Queirós, organizada por João C. Reis, afirma: «E esse simples facto de repor as polémicas nos termos exactos do que então foram é uma revelação. Nós habituamo-nos por exemplo a julgar o Pinheiro Chagas um patarata. A gente só ouvia uma das partes e o génio humorístico do Eça fazia-nos apertar a barriga na gargalhada e a pensar o outro como um idiota. Pois bem: não é. Ler o Chagas e o Eça é verificar que o Eça era pouco honesto nos seus processos e que o chagas tinha critério e batia forte e certo. O que lhe faltou apenas foi a agilidade do Eça, o seu malabarismo e inventiva humorística.» (p. 163)

¹⁰ Os seus autores foram os intervenientes da polémica que começou, no *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, com a troca verbal entre Vergílio Ferreira e Alexandre Pinheiro Torres, em torno de *Rumor Branco*, de Almeida Faria, se prolongou num diálogo escrito polémico entre

impacto significativo na vida cultural portuguesa, depois de apresentar a polémica como forma específica de diálogo.

1. Diálogo e escrita: “escrever o diálogo” e “dialogar por escrito”

A relação entre ‘diálogo’ e ‘escrita’ permite a associação a, pelo menos, dois materiais discursivos que eu distingo a partir das expressões ‘escrever o diálogo’ e ‘dialogar por escrito’.

‘Escrever o diálogo’ significa representar por escrito o diálogo ou interacção verbal oral. Trata-se da representação ficcional do diálogo, operada por uma transposição fictiva, como sucede no diálogo como género autónomo de grande vigor no século XVI, que abrange também as polémicas como *Corte Imperial*, e na representação do diálogo na narrativa. O ‘diálogo escrito’ caracteriza-se por uma heterogeneidade enunciativa mas por uma homogeneidade locutiva, a entidade ficcional ou autoral que põem as personagens em interacção verbal.

‘Dialogar por escrito’ introduz, pelo menos, duas formas textuais/discursivas: (i) a escrita em acto como modo de diálogo com os textos anteriores, marcada por traços de *intersubjectividade* ou *heterogeneidade constitutiva*¹¹, entendida na sua dimensão dialógica a partir do ‘dialogismo’ formulado por Bakhtine¹²; (ii) a escrita como modo de realização do diálogo, numa situação de enunciação diferida que poderá ser privada (o diálogo epistolar) ou pública (a polémica), marcada por uma heterogeneidade locutiva.

João Rui de Sousa e Eduardo Prado Coelho e se manteve, durante três meses desse mesmo ano, entre José Fernandes Fafe e Gastão Cruz. Em estudo desenvolvido no âmbito do mestrado em Linguística Descritiva Portuguesa, centrei a minha atenção na troca verbal polémica entre Vergílio Ferreira e Alexandre Pinheiro Torres. A análise dos fragmentos do discurso correspondentes às intervenções de cada um dos polemistas foi posteriormente publicada: «Polémica em torno de *Rumor Branco* de Almeida Faria: traços configuradores do texto de abertura», *Revista da Faculdade de Letras «Linguas e Literaturas»*, Porto, XVII, 2000, pp. 137 – 173; «Polémica em torno de *Rumor Branco* de Almeida Faria: réplica e contra-réplica», *Revista da Faculdade de Letras «Linguas e Literaturas»*, Porto, XVIII, 2001, pp. 339 – 378.

¹¹ Authier-Revuz (1982).

¹² Um exemplo magnífico deste ‘diálogo’ entre autores através dos textos que produzem é constituído pelo texto de Fernanda Irene Fonseca apresentado numa comunicação no encontro de Homenagem a Óscar Lopes, realizado na Faculdade de Letras do Porto em 4 e 5 de Junho de 1987. Nesse texto, ao justificar a escolha de dois textos escritos por Óscar Lopes para objecto da sua apresentação, Fernanda Irene Fonseca afirma: «Se optei por me ocupar aqui de dois textos de Óscar Lopes foi por estar convicta de que a mais autêntica maneira de homenagear um autor é ler as suas obras, é (co)responder ao diálogo que elas procuram encetar (...)» [Fonseca, Fernanda Irene 1987: 138]

Em ambos os casos, ‘diálogo’ distancia-se de ‘conversação’, embora um e outro representem modos aproximados da palavra alternada. Diálogo, associado ao fenómeno textual escrito, é entendido por Jean-Michel Adam (1992) como ‘unidade de composição textual’, «(...) aussi bien le produit textuel des interactions sociales que les échanges des personnages d’un texte de fiction (pièce de théâtre, nouvelle ou roman).» (Adam 1992: 149)

Através do conceito de ‘diálogo’ como interacção verbal entre duas pessoas que, na oralidade, alternam entre si a tomada de palavra, ficou secundarizado o sentido etimológico, presente na associação do prefixo grego *diá-* ao termo *logos*, de algo que acontece através ou por meio do pensamento e do conhecimento. Por esta via, ‘diálogo’, distintamente de conversação, alberga pacificamente a interacção verbal escrita, não só a epistolar, mas também a polémica.

2. A polémica escrita como diálogo – exemplificação breve

Para a concepção dialogal da polémica escrita contribui a presença de parâmetros interaccionais genericamente atribuídos ao diálogo, como se vê a partir da observação do ESQUEMA 1 (anexo), em que figuram as peças textuais, produzidas ao longo de 1963, em torno da questão do Neo-Realismo.

Como se vê pelo polemigrama apresentado, estamos perante um conjunto de textos escritos, em alternância, por cada um dos intervenientes na troca verbal como resposta ao anterior, num claro movimento dialogal que se estende temporalmente por um período variável (no caso de Vergílio Ferreira e Alexandre Pinheiro Torres, período entre 30 de Janeiro e 27 de Fevereiro; no caso de João Rui de Sousa e Eduardo Prado Coelho, entre 4 de Abril e 2 de Maio; no caso de José Fernandes Fafe e Gastão Cruz, entre 20 de Junho e 2 de Outubro), em três ciclos dialogais, relacionados mas perfeitamente distintos entre si. Além destes ciclos dialogais, que constituem o corpo central da polémica, existem outros textos/tipos discursivos que gravitam em torno desse núcleo central, incluindo-se no quadro por ela originado, alimentando-a, sem que constituam o *corpus* dos textos principais. É útil aqui a distinção estabelecida por Dascal entre “texto principal” e “texto secundário” numa polémica, incluindo-se, neste último grupo, não só os textos dos vários comentaristas da polémica, que tomam parte por uma das posições em jogo, mas também os debates públicos, relacionados com as questões debate, ocorridos no quadro temporal delimitado pela polémica.

3. A polémica: do diálogo ao texto/discurso

Passada a polémica, isto é, finda a troca verbal entre os dialogantes, esbatem-se as ligações mais imediatas à vivacidade/dinamismo tensional da relação com o contexto. O conjunto das intervenções escritas de cada um dos interlocutores constitui um texto com unicidade e coerência, objecto unitário com uma estrutura específica: um diálogo, um texto, duas vezes em alternância. Da ‘polémica-acto’ passamos à ‘polémica-texto’.

A concepção dialogal da polémica aproxima-a da conversação pelo facto de se inscrever na mesma configuração da palavra alternada (usufruindo dos contributos da análise conversacional), como se disse. No entanto, o facto de tal diálogo se realizar por escrito confere-lhe uma natureza dialogal *sui generis* caracterizada por Marcelo Dascal (1989):

«(...) it is not a sequence of utterances where the contenders alternate, but rather a sequence of more or less lengthy texts, which may contain responses addressed to several components of the opponent's preceding text(s).» (Dascal 1989: 150)

Esses textos, que constituem, na verdade, fragmentos de grande extensão de um texto maior (a polémica), contêm explícitos movimentos de retroacção, uma vez que

«(...) cada interveniente ancora, apoia, a participação que produz no segmento discursivo anterior, a que reage, fazendo dos *objectos de discurso* que actualiza – referenciais e ilocutórios, ou, mais alargadamente (para que fiquem abarcados os diversos tipos de acções discursivas) accionais – o ponto de intersecção do já comunicado (que resulta, deste modo, tomado como adequadamente recebido/processado) com o que comunica.» (Fonseca 1996: 91)

Assim, não basta atender à coerência entre as sucessivas «tomadas de palavra» (Fonseca 1992: 56)¹³, mas também à «*coerência* no seio de [cada] fragmento discursivo, que corresponde a cada intervenção de um dialogante» (Fonseca 1992: 56), duas das zonas de *coerência/coesão inter-textual*¹⁴.

¹³ A coerência intertextual distribui-se, de acordo com Joaquim Fonseca (1992), por: «a) *coerência* no seio de um fragmento discursivo, que corresponde a cada intervenção de um dialogante; b) *coerência* entre os vários fragmentos discursivos que correspondem a todas as intervenções de um mesmo dialogante; c) *coerência* entre as sucessivas «tomadas de palavra».» (Fonseca 1992: 56).

¹⁴ Designação de Joaquim Fonseca (1992: 56).

4. A citação como elemento de coesão/coerência na polémica escrita

Dos vários dispositivos que asseguram o nexos entre os fragmentos discursivos¹⁵ que correspondem às intervenções de cada um dos interlocutores, na polémica escrita assume especial relevo a *citação* como processo de presentificação da palavra do interlocutor com a qual se estabelece o encadeamento dialogal. Mostrarei os segmentos citativos do texto de abertura da polémica em torno de *Rumor Branco*, de Almeida Faria, reportando-me apenas à intervenção de Vergílio Ferreira, «A propósito duma crítica. Vergílio Ferreira responde a Pinheiro Torres» (ver anexo). Ilustrarei três processos que revelam a ilusão da exclusão do Outro num diálogo que não deseja mas que não se recusa.

1 – Citar

I¹⁻⁴ Com certa surpresa minha e de muitos outros leitores, Alexandre Pinheiro Torres, ao criticar *Rumor Branco* de Almeida Faria, lembrou-se de se referir largamente, e com manifesto desgosto, a alguns livros meus. Deu-se mesmo ao luxo de uns toquezinhos de facécia que lhe percorre nervosamente toda a prosa como uma cócega... Como me chega a notícia terrorista de que o temeroso Inquisidor me prepara uma tunda pessoal, reservo para então a resposta que porventura a tunda me mereça. Entretanto julgo útil frisar desde já uma meia dúzia de questões:»

¹⁵ Uma análise dos títulos das intervenções permitiria ilustrar um outro mecanismo de ligação, relacionado com os actos de fala constitutivos de ‘pares adjacentes’ como pergunta-resposta ou afirmação-réplica. Uma leitura simples dos títulos dos três ciclos dialogais na polémica sobre o neo-realismo, em 1963, permite antever essa possibilidade de análise. O primeiro ciclo, entre Vergílio Ferreira e Alexandre Pinheiro Torres, é constituído pelos seguintes fragmentos: *Rumor Branco* de Almeida Faria [APT], A propósito duma crítica. Vergílio Ferreira responde a Pinheiro Torres [VF], Alexandre Pinheiro Torres responde a Vergílio Ferreira. Na Tenda de Abracadabra [APT], Palavras finais. Tréplica de Vergílio Ferreira por Vergílio Ferreira [VF], Também as palavras finais (mas não epitáfio) de Alexandre Pinheiro Torres [APT]; o segundo ciclo, entre João Rui de Sousa e Eduardo Prado Coelho, A propósito de uma polémica [JRS], Também a propósito de uma polémica [EPC], Breve esclarecimento, não a propósito do neo-realismo [JRS]; o terceiro ciclo, entre José Fernandes Fafe e Gastão Cruz, com A morte do neo-realismo [JFF], Alguns problemas do realismo, ao José Fernandes Fafe [GC], Ainda a morte do neo-realismo [JFF], Ainda alguns problemas do realismo [GC], Pequenos problemas do neo-realismo [JFF], A definição de neo-realismo é um pequeno problema? [GC], Pequenos problemas do neo-realismo (fim) [JFF], Breve nota a propósito de uma polémica [EPC], Contradições inesperadas [GC].

Neste enunciado, destacam-se claramente dois movimentos: I¹⁻² cumpre uma operação retroactiva de reprodução da enunciação ausente a que responde o presente texto que traduz já a imagem da interpretação / compreensão do texto-alvo; I³⁻⁴ elucida a organização a que o presente texto se submeterá, indicando as “intenções” do Loc^{VF} para a sua réplica.

A retoma pela qual se recupera a enunciação a que responde esta intervenção projecta um comentário metadiscursivo e assume uma dupla funcionalidade: informa acerca do sentido atribuído pelo Loc^{VF} ao texto anterior de Alexandre Pinheiro Torres e indica simultaneamente o motivo que justifica a presente resposta. A crítica / censura que caracteriza esta intervenção tem por base, num primeiro plano, o “despropósito” do rumo argumentativo desse texto, ao serviço do que se encontra a expressão de uma *contra-expectativa*.

A «meia-dúzia de questões» que o primeiro parágrafo anuncia aponta para distintas sequências textuais que se definem a partir de segmentos de retoma do texto de Alexandre Pinheiro Torres, em relação ao qual este constitui uma resposta. Esses segmentos são os seguintes:

II¹⁻³ Em face do «talento excepcional» de Almeida Faria, Alexandre Pinheiro Torres (...).»

II⁶ Deste modo, se Alexandre Pinheiro Torres não está por isso forçado a elogiar toda a gente, não é bonito que venha falar de cátedra, ainda que traga o Vossler e o Bally debaixo do braço.

IV¹ No pomposo dissertar sobre indisciplina e experiências, Pinheiro Torres abarca um horizonte de um século, para nos significar que (...).

2 - Responder

III¹⁻³ Num *soi-disant* colóquio de há tempos, um pobre crítico de ocasião já teve a curiosidade de saber se lá por Évora havia assim pessoas com bossa para aquelas conversas de que se conta em *Aparição*. Aqui para nós, aquilo era uma pergunta de parolo... Pinheiro Torres, bons deuses, volta a formulá-la.

III⁹⁻¹⁰ Em todo o caso, à sua curiosidade de ingénuo sempre direi que no Alentejo não há apenas suínos... Todas as discussões de *Aparição* aconteceram na realidade.

3 - Aconselhar

VI⁶⁻⁷ Que Torres portanto não desanime, se tem de facto a loja às moscas. De uma coisa, porém, o previno desde já e é que, se quer realmente angariar freguesia, não me parece muito prático ter apenas lá na tenda catecismos para parolos...

Em todos os processos acima identificados, Alexandre Pinheiro Torres é o ELE que fica à margem da relação entre o EU (Vergílio Ferreira) e o TU colectivo (público-leitor). Sendo o ELE Alexandre Pinheiro Torres, imaginar-se-ia que o diálogo não prosseguisse, uma vez que como não-pessoa, no sentido dado por Benveniste, não assume estatuto de participante na situação de enunciação. No entanto, não é assim.

A citação, mais do indicador do movimento retroactivo presente em cada uma das peças textuais de polémica, a par de outros já identificados, é sobretudo o dispositivo que produz o impulso necessário ao movimento dialogal entre os interlocutores. A citação, em diálogo escrito, possui uma extraordinária força motriz que reside justamente na capacidade de incitamento contida na apropriação da palavra do outro, sentido contido, aliás, na sua etimologia:

«(...) *citar* é mais do que “repetir palavras”, transcrever, mencionar, referir (acepções hoje mais comuns). Em latim, *citare* significa “pôr em movimento”, “chamar” ou “convocar”, e daí o sentido, ainda usual, de citar alguém a comparecer perante a justiça para depor ou testemunhar.» (Lourenço 1998: 279).

A significação etimológica da *citação* autoriza, então, a sua interpretação como repto ou incitamento ao acto de diálogo. Como anota o mesmo autor: «Citar é, pois, uma forma mais de se propor em diálogo, de incitar o outro ao diálogo, e, até, de impor esse diálogo.» (Lourenço 1998: 303).

Assim, apesar de locutor e interlocutor «fazerem de conta» que não estão a considerar o Outro na sua enunciação, conferindo-lhe o estatuto da não-pessoa, do não participante, do terceiro excluído da interacção que se estabelece entre autor do texto e público-leitor, é, na verdade, com o Outro que a troca verbal se estabelece.

5. Notas conclusivas

Os textos constitutivos de polémica, como fragmentos correspondentes à intervenção de cada um dos dialogantes, têm sempre como origem ou ponto de partida a palavra escrita, explícita ou implícita, *dita* ou *atribuída*, do interlocutor.

A sua presentificação, através de diversos meios de citação, passa por mecanismos de encobrimento, de deformação, de remodelação (paródia, paráfrase, alusão, menção, paráfrase, entre outros), que revelam a plasticidade da língua, a criatividade inventiva e verbal do polemista. A um outro nível, os diversos meios de citação da palavra do outro demonstram como cada dialogante está interessado em prosseguir com o seu interlocutor o jogo dialogal encetado, reconhecendo-o como participante numa troca verbal encoberta por artifícios retóricos. O reconhecimento do outro como participante num diálogo que se deseja prosseguir é sugerido pela função incitadora da citação. Assim, um diálogo argumentativo escrito, com maior ou menor agonidade, é sempre, em maior ou menor grau, um jogo discursivo. Esta conclusão reforça a tese segundo a qual o uso escrito da língua associa a uma função instrumental, uma dimensão lúdica.

Centro de Linguística da Universidade do Porto
svrodrigues@clix.pt

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adam, Jean-Michel, 1993, *Les textes: types et prototypes. Récit, description, argumentation, explication et dialogue*, Paris, Nathan.
- Authier-Revuz, Jacqueline, 1982, «Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours», *D.R.L.A.V.* 26, 91-151.
- Dascal, Marcelo, 1989, «Controversies as quasi-dialogues», in Weigand, E. & Hundsnurher, F. (orgs.), *Dialoganalyse II/1*, Tübingen, Niemeyer, pp. 147 – 159.
- 1998, «Types of Polemics and Types of Polemical Moves», *Dialoganalyse VI*, volume 1, [Proceedings of the 6th Conference Prague 1996, org. por Svetla Cmejrková], Tübingen, Niemeyer, pp. 15 – 33.
- Fonseca, Fernanda Irene, 1993, «Vergílio Ferreira, uma escrita que (se) pensa», *Boletim da 63.ª Feira do Livro*, Porto.
- 1995, «Subjectividade e intersubjectividade: a invocação/evocação do tu na escrita ficcional de Vergílio Ferreira», in *Actas do Colóquio Interdisciplinar "Vergílio Ferreira. Cinquenta anos de Vida Literária"* (1993), Porto, Fundação Eng. António de Almeida, pp. 247 – 256.
- 2003, «Vergílio Ferreira, *Escrever*: o título inevitável», *Revista da Faculdade de Letras «Linguas e Literaturas»*, Porto, XX, II, pp. 479 – 494.
- Fonseca, Joaquim, 1992, «Coerência e coesão nas unidades linguísticas», *Linguística e texto/discurso. Teoria, descrição, aplicação*, Lisboa, Ministério da Educação/Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, pp. 7 – 103.
- 1996, «O discurso de *Corte na Aldeia* de Rodrigues Lobo – o *Diálogo I*», *Revista da Faculdade de Letras «Linguas e Literaturas»*, Porto, XIII, pp. 87 – 145.

- Lourenço, Jorge Fazenda, 1998, *A poesia de Jorge de Sena – testemunho, metamorfose, peregrinação*, Paris, Centro Cultural Calouste Gulbenkian.
- Plantin, Christian, 2003, «Des polémistes aux polémiqueurs», in Declercq, Gilles; Murat, Michel e Dangel, Jacqueline, *La parole polémique*, Paris, Honoré Champion, pp. 377 – 408.
- Régio, José, 1980, *Ensaio de interpretação crítica*, Lisboa, Brasília Editora, 2.^a edição [1.^a edição: 1964]
- Rodrigues, Sónia Valente, 2000, «Polémica em torno de *Rumor Branco* de Almeida Faria: traços configuradores do texto de abertura», *Revista da Faculdade de Letras «Linguas e Literaturas»*, Porto, XVII, pp. 137 – 173.
- 2001, «Polémica em torno de *Rumor Branco* de Almeida Faria: réplica e contra-réplica», *Revista da Faculdade de Letras «Linguas e Literaturas»*, Porto, XVIII, 2001, pp. 339 – 378.
- Roulet, Eddy, 1989, «Une forme peu étudiée d'échange agonale: la controverse», *Cahiers de Praxématique*, 13, pp. 7 – 18.

Publicações

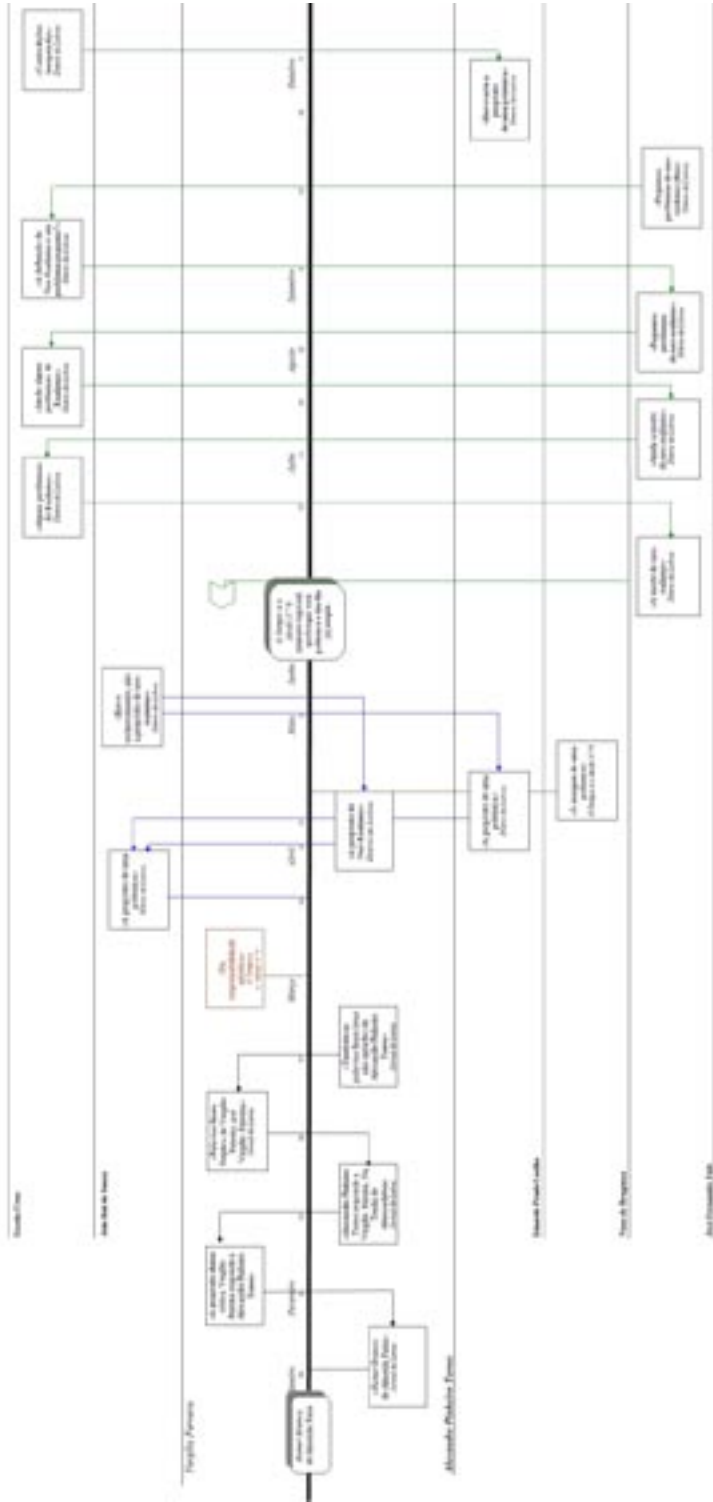
Publicação em livro

Verônica Ferreira e Alexandre Pádua dos Torres em homenagem a Almeida Faria

João Batista Sousa e Eduardo Prado Coelho

João Fernandes Fiala e Gastão Cruz

16 de Junho de 2017, de Coimbra de 2017



ANEXO 2

«A propósito duma crítica. Vergílio Ferreira responde a Pinheiro Torres»

- I ¹ Com certa surpresa minha e de muitos outros leitores, Alexandre Pinheiro Torres, ao criticar *Rumor Branco* de Almeida Faria, lembrou-se de se referir largamente, e com manifesto desgosto, a alguns livros meus. ² Deu-se mesmo ao luxo de uns toquezinhos de facécia que lhe percorre nervosamente toda a prosa como uma cócega... ³ Como me chega a notícia terrorista de que o temeroso Inquisidor me prepara uma tunda pessoal, reservo para então a resposta que porventura a tunda me mereça. ⁴ Entretanto julgo útil frisar desde já uma meia dúzia de questões:
- II 1 - ¹ Em face do «talento excepcional» de Almeida Faria, Alexandre Pinheiro Torres, pelo menos como artista, é evidentemente um medíocre. ² Estranho mesmo que uma alma caridosa ainda lho não tivesse dito discretamente ao ouvido, evitando assim que eu lho dissesse aqui em público: ³ E por que falo eu nisto? ⁴ Porque é desta massa de artistas falhados que normalmente se fazem os críticos azedos, ressentidos por uma desgraça de que ninguém teve a culpa. ⁵ Mas o ser-se medíocre devia obrigar precisamente à modéstia e moderação de linguagem. ⁶ Deste modo, se Alexandre Pinheiro Torres não está por isso forçado a elogiar toda a gente, não é bonito que venha palrar de cátedra, ainda que traga o Vossler e o Bally debaixo do braço. ⁷ Que após a tarefa que propinou a um certo director espiritual lá do Norte, Pinheiro Torres se julgue com automático direito ao desempenho das mesmas inquisitoriais funções é talvez abusivo e pouco edificante. ⁸ É certo que se trata de um episódio da luta pelo poder, vulgar nos tempos que correm.
- III 2 - ¹ Num *soi-disant* colóquio de há tempos, um pobre crítico de ocasião já teve a curiosidade de saber se lá por Évora havia assim pessoas com bossa para aquelas conversas de que se conta em *Aparição*. ² Aqui para nós, aquilo era uma pergunta de parolo... ³ Pinheiro Torres, bons deuses, volta a formulá-la. ⁴ Que diabo! ⁵ Então este crítico, que ainda usa a velha palmatória, não sabe ainda que a «verosimilhança» de um romance tem que ver é com a organização interna dos seus elementos? ⁶ Então não se está a ver que ele é que precisa de palmatoadas? ⁷ Como diabo é que este sujeito tem lido romances e visto pintura? ⁸ A fiscalizar as parecenças? ⁹ Em todo o caso, à sua curiosidade de ingénuo sempre direi que no Alentejo não há apenas suínos... ¹⁰ Todas as discussões de *Aparição* aconteceram *na realidade*. ¹¹ Pois imaginava o provocador Pinheiro Torres que o ler-se, o pensar-se, era um exclusivo das terras por onde ele, Pinheiro, passa? ¹² Imaginava o bom do homem que se em Évora alguém descobre um Sartre ou um Hegel, tem logo de informar-se onde vive o grande Pinheiro e de procurá-lo, para se travar de cavaqueira com ele?

- IV** 3 - ¹No pomposo dissertar sobre indisciplina e experiências, Pinheiro Torres abarca um horizonte de um século, para nos significar que tem boa vista e que a coisa já vem de longe, sendo pois uma velharia pela razão evidente de ser velha. ²Ora em primeiro lugar, e com perdão do seu saber, eu que não sou crítico e não tenho pois grandes responsabilidades na direcção espiritual dos povos, acho sinceramente que abarcar só um século é já ter a vista curta. ³Em segundo lugar, não percebo como deixar de admirar a genialidade dos autores que admira, lá porque as suas «experiências» têm já um século de vida. ⁴E quanto à avozinha que era escritora e fazia tais experiências em casa, tenho de concluir que, além dela, só duas personagens as não fazem na rua: Deus Padre e, pelos vistos, o próprio Pinheiro Torres. ⁵Um e outro, com efeito, não são modestos e atiram-se logo a obra definitiva. ⁶Mas quanto ao Deus Padre, já Van Gogh anotou que o que ele fez foi um estudo que lhe saiu muito mal. ⁷Estará o pobre Torres convencido de que o dele lhe saiu melhor? ⁸De que aquilo que nos tem propinado é por direito uma obra definitiva?
- V** 4 - ¹Eu não queria esmiuçar a série de disparates de que este senhor nos abastece e sempre doutoralmente. ²Mas com franqueza: então a gente há-de suportar uma vez mais essa parlapatice do «progresso da arte»? ³Então este sujeito douto ainda está convencido de que Homero e Ésquilo e Sófocles são inferiores a quem ele quiser - incluído ele próprio?
- VI** 5 - ¹Finalmente por hoje: o que revolta Pinheiro Torres, cristão-novo do neo-realismo, é que alguns jovens se tenham interessado pelos meus livros. ²Eu estava, no entanto, bem longe de supor que não preferiam os dele. ³Com franqueza: terei eu culpa disso? ⁴Além de que tudo pode explicar-se por uma daquelas tontices tão próprias da juventude e de que na idade madura vão decerto arrepender-se, regressando ao bom senso e aos livros de Pinheiro Torres. ⁵Será, pois, caso para tanta zanga? ⁶Que Torres portanto não desanime, se tem de facto a loja às moscas. ⁷De uma coisa, porém, o previno desde já e é que, se quer realmente angariar freguesia, não me parece muito prático ter apenas lá na tenda catecismos para parolos...

Vergílio Ferreira,
Jornal de Letras e Artes, 6 de Fevereiro de 1963